

Resumo

O nosso olhar se faz em meio às coisas, entrelaçado ao mundo que não se quer esquecer. Na vontade de tudo ver e nada esquecer, o que foi visto se torna, então, a memória de um visível filtrado, triado e eleito. Seria, então, possível conservar a nitidez daquilo que (vi)vemos, tornar visível as paisagens vividas? A vídeo instalação Souvenir, aqui apresentada, é fruto destas interrogações.

Palavras-chave: memória, olhar, paisagem, cidade

Abstract

Our gaze takes place in the midst of things, interweaved with the world that we do not want to forget. Willing to see all and forget nothing, what has been seen becomes, then, the memory of a filtered, sorted and elected visible. Would thus be possible to maintain in the vigor of what we have seen, turning visible the landscape we have lived in? The video installation Souvenir, presented here, was born of these questions.

Keywords: memory, looking, landscape, city

1 Eu vi...

Quando algo nos interpela, somos convocados a olhar. Nesse instante quase imperceptível, a modulação da visão se altera e queremos nos aproximar daquilo que nos chamou a atenção, focalizar, inquirir.

Olhar seria então guardar à vista, uma espécie de visão aguçada que deseja capturar o fugaz. Olho intencionado que quer guardar, tomar conta, dar atenção... Nessa perseguição sem fim pelas coisas do mundo, o olho é vivo, o olho vive! O ato de olhar, parafraseando Bergson¹, é o "*ponto de intersecção entre o espírito e a matéria*" (2004, p.5), a fonte que dá origem ao que pode ser visto, àquela constatação de que algo está ali diante de mim.

Desse encontro com as coisas do mundo, podemos especular que a capacidade de preservar o que foi olhado, é o desfecho de toda a ação de olhar. Ter visto algo isola e instala o visível, é uma forma de discernimento que nos conduz a um novo movimento da visão. Ter visto é, então, acomodar, armazenar, acumular, é conseguir fixar aquilo que se destina ao esquecimento se a visão adormece.

Assim, logo que algo foi visto, é interiorizado. Estamos nos domínios da memória, no instante em que o presente vivido se transforma em lembrança, no momento em que a nitidez dos contornos delineados pelo nosso olhar se dissolve, para dar lugar às imagens que tecerão improváveis alianças, compondo, então, um acervo do observado, um relicário infinito do mundo vivido.

¹ O filósofo aponta que a lembrança representa precisamente o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria.



Na vontade de tudo ver e nada esquecer, o que foi visto se torna a memória de um visível filtrado, triado e eleito, originado de um duelo entre o que conseguimos ver, o que não perdemos de vista e aquilo que nos escapa, mas de cuja existência sabemos, e cuja presença pressentimos.

O visto seria como uma parada, uma pausa, o instante capturado e fixado. Estaríamos, como nos aponta Bergson (2004, p.87), em uma memória que é o presente que dura. Uma memória que se divide a cada instante em duas direções, uma orientada e dilatada em direção ao passado e a outra contraída em vista do futuro. Uma memória que, para Deleuze (1985, p.109) encobre com uma camada de lembranças a essência de cada percepção imediata. Se a memória se articula na duração e atualiza as lembranças no presente, recobrindo o mundo, e o movimento do nosso olhar é banhado por ela, podemos pensar que, em seu deslizamento pelo espaço, o olho procura o que (re) conhece. Nesse movimento de expansão e contração, expansão de ver e contração para olhar, a focalização origina o que vemos. O visto, ou melhor, o ter visto, seria então uma concentração de momentos, uma contração de instantes, uma acumulação que ordenaria, no tempo, o que foi vivido. O *visto* é um passado contemporâneo do presente, uma forma de desdobramento em que o presente já é pura lembrança.

Aqui, o que é assimilado não é uma simples subtração do visível, ao contrário, o que (re)vemos se transforma quando redesenhamos as fronteiras que separam o extenso mundo exterior do vasto mundo interior. A cada seleção do olhar um novo mundo se inaugura, uma nova configuração se instala, compondo com o que (re)vimos, uma paisagem contínua urdida pelo nosso olhar, pelas relações que estabelecemos com o espaço que nos cerca.

Na impossibilidade de evitar que o visível nos escape, nosso olhar é desejoso de tomar posse a distância, de se envolver, de suplantar a inelutável cisão que separa aquele que olha daquilo que é olhado². Essa crucial e invisível distância que se “abre diante de nós” (DIDI-HUBERMAN, 1992, p. 118) dá passagem a “*minha potência de descobrir e a minha impotência de alcançar*” (STAROBBINSKI, 1989, p.12/13).

Na vã esperança de apreender tudo, o movimento do olhar seria, na realidade, uma perda perpétua. No fundo, no fundo do olho, ele não está destinado a ver, mas a chorar, afirma Derrida (1990, p.125). As lágrimas revelariam o que é próprio do olho, a verdade dos olhos, a sua destinação suprema: ter em vista, a imploração antes que a visão, dirigir-se, antes de tudo, à oração, ao amor, à alegria, à tristeza, do que ao olhar.

² Em referência ao livro *O que vemos, o que nos olha* de Georges Didi-Huberman.



“Só o homem sabe ir para além do ver e do saber, pois só ele sabe chorar” (DERRIDA, 1990, p.128). A essência do olho são as lágrimas e não a vista, completa o autor, pois os dois olhos podem se dissociar do ponto de vista da visão, do ponto de vista de sua função orgânica, mas é todo olho, o todo do olho que chora.

Se o olho guarda em reserva as nossas lágrimas, o que guardaria a nossa visão? Se olhar é perder, o que nos restaria? Restariam os elos que criamos com o mundo visível, a vasta e íntima paisagem, os fragmentos de uma visibilidade que atestariam a nossa aliança com o mundo, situando o lugar do nosso olhar.

O olhar, relembro Bonnefoy (2002, p.16), assegurando o relevo das coisas, atesta sua presença. Os olhos, escreve Goethe, desejam tocar o mundo: “o olho apalpa, a mão vê”.(GOETHE, 2000, VII).O paradoxo encontra-se aí: como olhar sem tomar distância? Existiria uma distância precisa? Aquele que olha, deve olhar de um ponto específico? Haveria uma maneira de articular o próximo e o longínquo? Certamente não à maneira de um *skópos*³ que olha do alto e de longe, que vigia em sentinela, espiando, instalado no alto de um mirante. O nosso olhar se faz em meio às coisas, entrelaçado ao mundo que não se quer esquecer.

2 Eu vi(vi)... uma cidade

O mundo é minha miniatura porque está tão longe, tão azul, tão calmo, quando o considero onde ele está, como está, no tênue desenho do meu devaneio, no limiar do meu pensamento! (BACHELARD, 2008, p.23)

Seria possível conservar, “no tênue desenho do [nosso] devaneio, no limiar do [nosso] pensamento” a nitidez daquilo que(vi)vemos? Como manter claros os contornos das nossas experiências? Como restituir o mais fielmente possível as transformações perceptivas vividas, tornar visível a *visão-minha* do visível⁴, sem trair aquilo que vi e vivi? A vídeo instalação *Souvenir*⁵ é fruto destas interrogações.

Souvenir é lembrança, reminiscência e memória, e também é aquele objeto característico de um lugar, vendido como lembrança a viajantes, especialmente a turistas. Aqui, *Souvenir* é, a um só tempo, objeto concreto - porque são duas caixas de

³ Segundo Marilena Chauí em seu texto *Janela da alma*, espelho do mundo, se *skópos* nos ensina porque, afinal, desatentamente falamos em um ‘ponto de vista’, aceitando que idéias e opiniões dependem do lugar de onde vemos o real, também nos ensina que se trata da visão feita nas alturas, que abarca até os confins do horizonte e o todo do mundo circundante. Completa que sua ciência chama-se, no grego, *optikê* e no latim, perspectiva.

⁴ Em referência à Maurice Merleau-Ponty: *La visionmiennedu visible*.in *Le visible et l’invisible*.Paris: Gallimard, 2004.

⁵ *Souvenir* (2009) é parte de uma série do qual faz parte também a vídeo-instalação *Souvenir-Brasília*(2012).



madeira que nos remetem àquelas caixas onde guardamos o que não gostaríamos de perder -e objeto-de-viagem, aquele adquirido pelo turista que quer levar para casa um fragmento que condense os lugares por onde passou. Simultaneamente, lembrança e lembrancinha. Imagem e fragmento. Lugar de afeto e cartão postal.

Nos anos em que morei em Paris, o meu bairro foi a minha morada. Suas ruelas antigas e cheias de história, seus turistas fotografando cada esquina, sua vida estudantil, suas feiras, livrarias e lojas de souvenirs se tornaram tão familiares que era como se tivesse morado toda a minha vida ali. Sempre me senti em casa em Paris, mas nas ruas que atravessavam meu bairro me sentia íntima da cidade, e compreendi, desde então, que uma cidade poderia sim, ser o centro de nossos desejos, a morada de nossos pensamentos. Nas minhas caminhadas por seus espaços, não havia passos perdidos⁶, os limites eram sempre novos, o desenho da cidade sempre outro. Ali, os caminhos do cotidiano, aqueles da rotina e da repetição, adquiriam outro contorno, a cidade ganhava a dimensão dos meus passos, a medida do meu olhar e as ruas, se transformavam com frequência em objetos selvagens⁷, trazendo, inesperadamente, outro(s) tempo(s)...ali eu vi(vi): *Rue des Feuillantines, Rue Saint-Jacques, Rue d'Ulm, Rue d'Arbalète, Rue Lhomond, Rue Tournefort, Rue Mouffetard, Rue Erasmus, Rue Pot de Fer, Rue Pierre Brossolet, Rue Broca, Rue Bertholet, Rue Descartes, Rue Clovis, Rue Claude Bernard, Rue Soufflot, Rue Monsieur le Prince, Rue de l'Abbaye de L'épée, Rue Cujas, Rue Thouin, Rue Pierre Nicole, Rue Monge, Rue du Cardinal Lemoine, Rue des Ursulines, Rue Galande, Rue Dante, Rue des Écoles, Rue de la Montaigne Saint Geneviève...*⁸



Karina Dias, *Souvenir*, 2009, Vídeo-instalação, MDF, leitor dvd – 0,45 m x 0,35 m x 0,19m, detalhe.

⁶ Em referência à André Breton que no livro *Nadja* escreve: *Lespasperdus? Mais Il n'y en a pas.*

⁷ Aqui me refiro aos objetos selvagens pensados por Michel de Certeau.

⁸ Nomes de ruas do 5o distrito de Paris, meu bairro.



Essa geografia de afetos preserva em meu horizonte a cidade vivida. Cidade labiríntica porque nos faz sonhar os seus lugares, entrever os seus caminhos, aqueles que não desejamos perder de vista. Entre embaçamentos e lampejos de visão, a paisagem dessa cidade emerge para nos lembrar que a cidade vivida é morada do íntimo e encontra-se no limiar da visibilidade, à esperado olhar que a trará de volta em meio ao sfumato da memória...vemos porque não vemos.

Souvenir é composto, então, de duas pequenas caixas que apresentam dois vídeos onde se vê a imagem de uma rua que se fragmenta em duas paisagens. A um só tempo, desdobramento do espaço e desdobramento do olhar. O espectador acompanha então, entre uma caixa e outra, como quem olha pela janela, o movimento dos pedestres que, em seu ritmo, atravessam a cidade. Seguimos seus movimentos, ouvimos o seu ruído, escutamos o som da cidade.



Karina Dias, *Souvenir*, 2009, vídeo-instalação, MDF, leitor dvd – 0,45 m x 0,35 m x 0,19m.

Paisagem-memória de um espaço cotidianamente percorrido, *Souvenir* é a morada dessas lembranças, o abrigo do detalhe recolhido, o refúgio do desejo de conservar o que não se quer esquecer. Encapsulada paisagem que vela porque revela, que não se deixa entrever facilmente. As caixas permanecem fechadas à espera que o espectador se aproxime para olhar e deseje que o mundo ali guardado tenha lugar.

Abrir as caixas é revelar pontos de vista, é guardar à vista, compartilhar da minha vista. Nessa partilha do espaço, as caixas são como janelas que se abrem para fora, para a cidade, e para dentro, para as cidades invisíveis⁹ vividas por cada observador que se aproxima para olhar. E o movimento parece ser sempre esse de dentro para fora, do indivíduo para o grupo, do íntimo para o vasto mundo. A janela aqui é dispositivo

⁹ Em referência a Italo Calvino em *Cidades invisíveis*.



ótico, é como nos lembra Jean Starobinski (1984, p.34), uma abertura ótica sobre uma vida possível entre tantas outras.

O espectador, então, ao abrir as caixas-janelas, espia, participa da movimentação do lugar, vendo quem passa, ouvindo conversas, como se estivesse debruçado sobre uma janela, diante de um mundo que pede para ser olhado. Janela que é, a um só tempo, abertura para olhar e a abertura do olhar... estamos onde não estamos.

3 Considerações finais

Guardar à vista, guardar a natureza das minhas observações cotidianas durante os anos em que olhei atentamente a cidade em que vivi, é um desejo constante em meus trabalhos. Preservar a contemplação vivida, revelar aqueles detalhes fugidios e anódinos que são a abertura para uma observação singular, para uma crônica íntima do olhar.


Se em *Souvenir*, a rua lateja dentro e fora daquele que a observa é porque a cidade se faz sentir como paisagem. Uma paisagem que é o olho que avança na espessura da cidade, que sabe que o detalhe contém o horizonte, que o movimento que anima os seus espaços é a paragem que deseja os olhos atentos. Por meio dos instantes fugidios que animam a cidade, o olho esquadrinha afetivamente os espaços vividos para redesenhar a rotina e a repetição. Não seria essa a experiência da paisagem? Em um só tempo, conhecer intimamente, de perto, do interior e ser capaz de tomar a distância necessária para olhar?

A experiência da paisagem urbana desperta o nosso olhar anestesiado, acorda nossas percepções, transforma a nossa visão. Na rotina não vemos mais, porque vemos demais; entrever a paisagem é, então, (re)compôr um lugar.

Minha pesquisa poética se concentra na experiência da paisagem no cotidiano, aquela que toma forma a partir de detalhes corriqueiros que, por serem vistos e revistos continuamente, se tornariam invisíveis aos nossos olhos. Traduz um desejo de ver o espaço de todos os dias de outra maneira, explorando um *olhar-em-paisagem*¹⁰ sobre o que nos cerca.

O visível, por mais imprevisível que seja, deve provocar, aponta Jean-Luc Marion (1996, p.62), a mirada que o tornará acessível. Assim, o movimento do olhar isolando fragmentos na continuidade, destaca, coloca em relevo, descarta, cria uma *gestalt*. Nessa relação entre figura e fundo, formas se estruturam no instante em que tomamos consciência e na medida em que lhes damos sentido. O olhar, então em-forma, dá forma, produz sentido. Nesse movimento de ir-e-vir, em que se alternam

¹⁰ Noção desenvolvida em meu livro intitulado: Entre visão e Invisão: Paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano).



aproximação e distanciamento, cria-se uma cadência do olhar que tem a duração de um ponto de vista. Nesse movimento crio com os meus souvenirs uma utópica vigília do visível. Vigiar o visível, não seria essa a ação suprema do olhar? Garantir a visibilidade do meu mundo, para então preservar o que foi visto e, por meio da memória, (re)ordenara sua paisagem... *“a Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.”*(SARAMAGO, 2008, p.62)

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire, Essai sur La relation du corps à l'esprit**. Paris: Quadrige/PUF, 2004.

BONNEFOY, Yves. **Remarques sur le regard, Picasso, Giacometti, Morandi**. Éditions Calman-Levy, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Cinéma 2, l'image-temps**. Paris: Éditions de Minuit, 1985.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ce qui nous voyons, ce qui nos regarde**. Paris: Éditions du Minuit, 1992.

DIAS, Karina. **Entre visão e invisão: paisagem** (por uma experiência da paisagem no cotidiano). Brasília: Ed. Programa de Pós-graduação, Universidade de Brasília, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mémoires d'aveugles**. Paris: Editions de Réunion des Musées Nationaux, 1990, p.125-128.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Les élégies romaines**, VI, 1792. Traduzido do alemão para o francês por Reymond Voyat. Paris: Mille et Une Nuits, 2000.

MARION, Jean-Luc. **La croisée du visible**. Paris: PUF, 1996.

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

STAROBINSKI, Jean. **L'œil vivant**. Paris, Gallimard, 1989.

_____. Regards sur l'image in Le siècle de Kafka. Catálogo da exposição do Centro Georges Pompidou. Paris, 1984, p.34.

Minicurrículo

Karina possui Pós-doutorado em Poéticas Contemporâneas - Universidade de Brasília. Doutorado em Artes pela Université Paris I - Panthéon Sorbonne. Master em Artes Plásticas e aplicadas Université Paris I - Panthéon Sorbonne, Mestrado em Artes -Poéticas Contemporâneas - pela Universidade de Brasília e graduação em Educação Artística - habilitação Artes Plásticas pela mesma universidade. Professora adjunta da Universidade de Brasília atuando tanto no Departamento de Artes Visuais na área de Poéticas Contemporâneas (graduação e Pós-Graduação em Artes).

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.